



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

MOBRAL: as memórias das alunas nas entrelinhas da alfabetização de jovens e adultos em
Nina Rodrigues – MA.

*Stéfanno Fabrício Oliveira Sousa (UEMA)¹-
fabricio_souza@live.com*

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise histórico-social do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) no município de Nina Rodrigues. O MOBRAL foi uma fundação criada no período da história brasileira denominada Ditadura Militar (1964-1985). Teve como principal finalidade desenvolver programas de alfabetização para jovens e adultos não escolarizados e favorecer aos indivíduos que já sabiam ler e escrever, a continuidade nos seus estudos. À medida que a fundação foi se estabelecendo, chegando a atuar em todos os municípios do país, diversas críticas surgiram a respeito de seus métodos e campanhas, o que contribuiu, posteriormente em sua extinção após quinze (15) anos de existência. Desse modo, temos como objetivo central, investigar as memórias e os impactos socioeducacionais na vida de alunas que frequentaram o MOBRAL no município de Nina Rodrigues – MA. Esta investigação foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, distribuída em fases diferentes, porém, complementares e em diálogo constante, a saber: Fase exploratória, Fase da coleta de dados, Fase de análise de dados, e a Fase de relatório. Dialogamos com diversos autores a partir das leituras de Haddad e Di Pierro (2000), Paiva (1987), Castro (1999), Manzke (2009) Corrêa (1979) entre outros. Concluimos que, apesar da escassez documental no município, a investigação apresentou resultados relevantes. Conseguimos, a partir das memórias locais, fazer o levantamento da quantidade de postos onde funcionaram o MORBAL, nomes de professores e alunos ligados à instituição no município. Constatamos, ainda, as contribuições que os programas da fundação desempenharam nas vidas das alunas. Apesar das falhas e carências que a fundação apresentou durante sua atuação, ficou evidente, que esta proporcionou às alunas investigadas, oportunidades de vislumbrar um futuro promissor, possibilitando-as realizar o sonho de se tornarem professoras, de terem melhor qualidade de vida. Nesse sentido, acreditamos que a presente pesquisa contribui com a historiografia da educação local e regional.

Palavras-chave: História da educação de Jovens e Adultos. MOBRAL. Nina Rodrigues – MA.

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil tem sua história permeada por momentos contrastantes ora de entusiasmos ora de frustrações. A historiografia destaca iniciativas tanto do poder público como do setor privado e outras de caráter popular destinadas a atender este setor da sociedade brasileira. Essas experiências merecem ser contadas e recontadas a fim de serem

¹ Pedagogo formado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Estudante de Licenciatura Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

evidenciadas novas perspectivas. Neste sentido, este trabalho traz um recorte de uma pesquisa monográfica feita a partir de resquícios historiográficos de um dos maiores projetos educacionais destinado a jovens e adultos desenvolvidos no país: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

O MOBRAL foi uma fundação criada no período da ditadura militar brasileira com o objetivo principal de erradicar o analfabetismo. Tinha como público-alvo jovens e adultos não escolarizados ou que não haviam tido oportunidades de concluir seus estudos. O MOBRAL foi a campanha de alfabetização mais rica a ser desenvolvida no Brasil até então, chegando a atingir todos os municípios do país (FÁVERO, 2009).

Este trabalho tem como objetivo investigar as memórias e os impactos socioeducacionais na vida de alunas que frequentaram o MOBRAL no município de Nina Rodrigues – MA. A realização desta pesquisa justifica-se pela importância da história da educação de jovens e adultos no Brasil, que em termos gerais, relaciona-se intimamente à história do nosso país, às questões religiosas, políticas, econômicas, sociais e culturais. Investigar essa construção sócio-histórico é relevante, pois nos permite compreendê-la.

Em virtude de seu objeto, esta investigação, se desenvolveu a partir de uma abordagem qualitativa, que segundo Silva (2012), pode nos ajudar a elucidar um fato histórico e os significados do seu contexto. De acordo com D'Ambrósio apud Silva (2012), a pesquisa qualitativa tem como foco dar atenção às ideias e narrativas das pessoas, que ao nosso ver, podem ser emudecidas por meio de simples dados numéricos. Para nos aprofundar na temática nos aproximamos das contribuições teóricas de Di Pierro (2000), Paiva (1987), Castro (1999), Oliveira e Souza (2012), Santos (2014), dentre outros, além dos inúmeros diálogos com antigos moradores da localidade que nos ajudaram a delimitar o tema e os sujeitos da pesquisa: ex-alunas da fundação no município de Nina Rodrigues, com as quais realizamos entrevistas.

Nossa pesquisa visa dar voz a essas mulheres que durante suas vidas têm lutado para não serem silenciadas ou ofuscadas. Por esse motivo, mediante autorização, nos pareceu coerente trazer seus nomes neste trabalho ao invés de siglas ou nomes fictícios.

Ousamos assumir com Silva (2012), que este trabalho se caracteriza como um estudo sócio-histórico, isto porque, conforme a pesquisadora, envolvem estudos de grupos humanos e sociais, em um determinado espaço tempo que se preocupam em discutir os aspectos que compõem esse contexto. Não pretendemos reconstruir o passado tal qual aconteceu, tendo em



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

vista ser impossível, pois “não temos acesso ao passado. Ele é intangível, intocável, irremovível, inacessível”, pois, “Quem é capaz de *desderramar* uma xícara de café derramada sobre a mesa? O que podemos fazer é limpar a sujeira. Encher outra xícara. Observar a mancha sobre a toalha. Mas o fato acontecido não tem como *desacontecer*” (SILVA, 2012, p. 18).

Dito isso, nos aventuramos em mergulhar no passado, a partir da análise bibliográfica, de resquícios documentais e, por meio das histórias e memórias orais dos sujeitos da pesquisa. A utilização da narrativa como instrumento para compreensão do objeto de estudo, remete a necessidade de o pesquisador contextualizar diferentes fontes usadas no desenvolvimento da investigação, para a identificação das inquietações que deram origem ao trabalho.

2 O MOBIL EM QUESTÃO: contextos históricos, intenções e proposições.

Com a Ditadura Militar (1964), iniciou-se um novo período na história do Brasil. As rupturas causadas pelo golpe aprofundaram-se afetando vários setores da sociedade brasileira, dentre eles, destacamos os grupos de educação popular como o Movimento de Cultura Popular (MCP), o Movimento de Educação de Base (MEB), dentre outros que estavam desenvolvendo experiências de alfabetização com jovens e adultos em diversos lugares do país, em especial no Nordeste. Nesse contexto surge a figura de Paulo Freire.

A repressão foi a resposta do Estado autoritário à atuação daqueles programas de educação de adultos cujas ações de natureza política contrariavam os interesses impostos pelo golpe militar. A ruptura política ocorrida com o movimento de 64 tentou acabar com as práticas educativas que auxiliavam na explicitação dos interesses populares. O Estado exercia sua função de coerção com fins de garantir a “normalização” das relações sociais (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p. 113).

À medida que os militares assumiram o poder, foram tomadas *medidas de segurança* no intuito de impedir a expansão dos ideais e métodos de ensino desses grupos. A educação de jovens e adultos ficou, no primeiro momento, esquecida nos planos e ações no governo. Após críticas recebidas pela UNESCO, que denunciava a falta de políticas voltadas para a Educação de jovens e adultos, medidas começaram a ser tomadas (MANZKE, 2009, p. 37).

Finalmente em 1966, o governo retoma ações na área da alfabetização de jovens e adultos, apoiando financeiramente as iniciativas da Cruzada de Ação Básica Cristã (Cruzada ABC) que era dirigida por evangélicos estadunidenses no estado do Pernambuco. As ações de alfabetização desenvolvidas pela Cruzada ABC, permitiram à ditadura combater ideologicamente as campanhas de Educação Popular. No entanto, a partir de 1968 uma série de



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

críticas à condução da Cruzada fizeram com que ela se desgastasse culminando posteriormente em sua extinção.

O Brasil, nesse período, ainda vivia embalado pelo entusiasmo econômico industrial. Nesse cenário, o analfabetismo era entendido como a principal causa da pobreza e atraso econômico do país. O governo passa a reunir esforços para combater o “mal” do analfabetismo. A crise do sistema educacional é vista como uma oportunidade para se pôr em prática uma nova concepção de educação. Como explica Saviani (2008, p. 296), a educação nesse contexto passa a desempenhar um papel de “formação de recursos humanos para o desenvolvimento econômico dentro dos parâmetros da ordem capitalista”, ou seja, todas as políticas voltadas para área educacional reforçavam o papel da formação dos indivíduos para o mercado de trabalho, na tentativa de promover o desenvolvimento e a economia do país. Essa perspectiva tecnicista fez surgir reformas educacionais e a criação do MOBRAL.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado pela lei nº 5.379/1967, direcionou-se principalmente aos indivíduos na faixa etária dos quinze (15) aos trinta (30) anos que não tinham tido a oportunidade de frequentar a escola em tempo oportuno. Foi uma fundação criada com objetivo principal de erradicar o analfabetismo que na década de 1960 chegava a 39,50 % da população maior de quinze (15) anos de idade (OLIVEIRA e SOUZA 2012, p. 19). Uma das causas que justificam essa cifra, diz respeito à ineficiência histórica do sistema educacional brasileiro em absorver a clientela em idade oportuna, o que causou, consequentemente uma incidência de não escolarização entre jovens e adultos.

Além do objetivo de erradicar o analfabetismo, o MOBRAL foi criado para atuar no *combate* aos ideais e às propostas pedagógicas concebidas a partir das experiências de educação popular e dos pensamentos de Paulo Freire, tidos como subversivos e contrários ao Regime Militar. Na tentativa de lograr esse objetivo, o MOBRAL atuou fortemente junto às camadas populares, na tentativa de legitimar o regime autoritário (HADDAD e DI PIERRO, 2000, p.114).

Segundo Paiva (1987, p. 296), o programa de alfabetização do MOBRAL “buscou provocar entusiasmo popular”. Na TV e no Rádio se ouviam menções à fundação que iria erradicar de vez o analfabetismo do país. Uma grande mobilização foi feita, todos eram “intimados” a contribuir com esta iniciativa do governo.

O MOBRAL desenvolveu diversos programas, o primeiro a ser implantado foi o Programa de Alfabetização Funcional (PAF). Corrêa (1979, p.149), destaca o PAF “como uma



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

resposta às necessidades de uma população marginalizada, até então pelo sistema regular de ensino”, o mesmo autor classifica o programa em uma linha de trabalho informal, à medida que as turmas de alfabetização funcional podiam funcionar em locais alternativos, próximos aos alunos e utilizando alfabetizadores sem formação específica.

O PAF, era um programa com cinco (05) meses de duração e tinha como objetivo “conduzir a pessoa humana a adquirir as técnicas de leitura, escrita e cálculo, como meio para integrá-la à sua comunidade, permitindo a obtenção de melhores condições de vida” (CORRÊA, 1979, p.152). A metodologia utilizada no PAF para alfabetizar os alunos se dava através de palavras geradoras escolhidas pelo órgão central. Essas palavras geradoras eram trabalhadas em todo o território nacional por meio de livros didáticos, que segundo Oliveira e Souza (2012), tinham algumas características semelhantes às cartilhas Caminho Suave usadas para alfabetizar crianças.

A semelhança existente entre o método de alfabetização utilizado no Programa de Alfabetização Funcional/MOBRAL e o Método de alfabetização proposto por Paulo Freire era inegável. Contudo, como afirmam Oliveira e Souza (2012, p.28), as diferenças entre os métodos se faziam no processo. O MOBRAL se apropriou de algumas metodologias propostas por Paulo Freire, no entanto, não tinha como finalidade levar os alunos a se posicionarem de forma crítica diante da realidade. O MOBRAL, como aponta Januzzi (1979), agia no intuito de conservar a ordem vigente, preparando o egresso para desempenhar uma função na sociedade através do trabalho.

Com a abrangência nacional do MOBRAL, outros programas foram criados. O mais importante foi o Programa de Educação Integrada (PEI), surgiu como um programa supletivo com a duração de doze (12) meses, no qual o aluno alfabetizado daria continuidade aos seus estudos com atividades relativas ao primário.

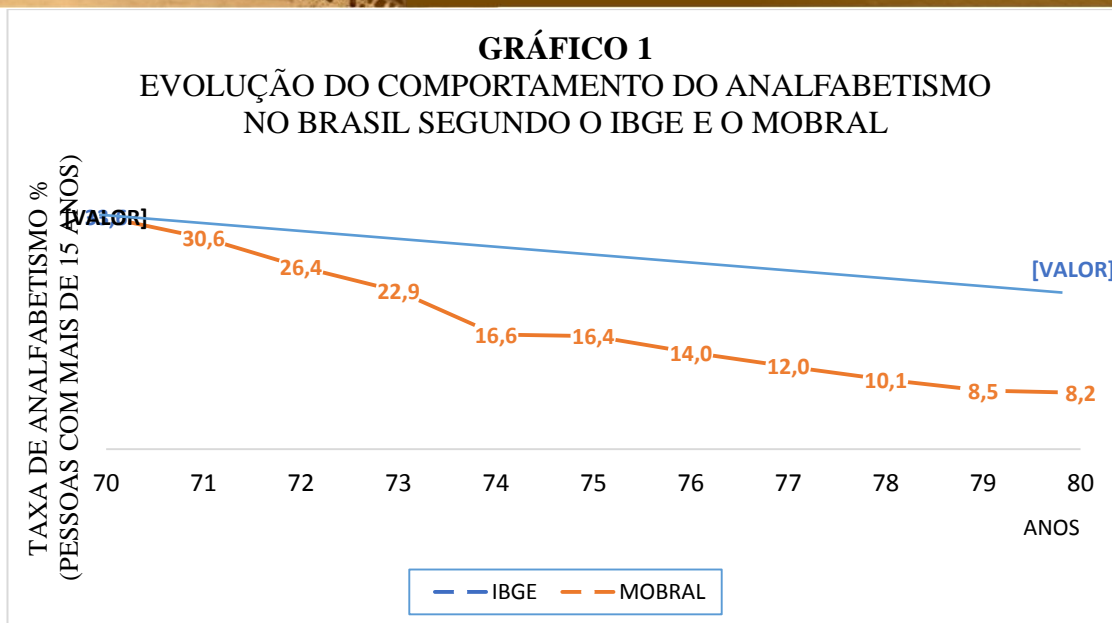
O MOBRAL foi alvo de diversas críticas, os números divulgados pela fundação passaram a ser questionados, pois era descontraídos e muito confusos, demonstrando a falta de controle e organização da fundação (PAIVA, 1981). A queda dos índices de analfabetismo entre pessoas com mais de quinze (15) anos, revelada pelo MOBRAL, foi ponto de intensa discussão, por causa das discrepâncias em relação aos dados divulgados pelo IBGE (MENDONÇA, 1985). No gráfico abaixo podemos visualizar essas diferenças:



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*



Fonte: (MENDONÇA, 1985, p. 73).

Mendonça (1985) e Paiva (1981, p. 60), apontam alguns fatores que podem justificar a diferenciação de quase dezoito (18%) por cento entre os índices, dentre eles: 1) falseamento de informações apresentadas pelo MOBREAL, 2) a existência de alunos e turmas fantasmas, 3) falta de controle dos dados referentes à matrícula e frequência, 4) alunos que repetiam os cursos e “a cada repetição eram computados como analfabetos a menos, contribuindo, duas, três vezes para a redução dos índices” (idem).

Por conta dessas questões, a Fundação MOBREAL, inclusive, chegou a ser alvo de uma Comissão de Inquérito Parlamentar no Senado (CPI do MOBREAL), que visava investigar as irregularidades que poderiam estar por trás do Movimento, dentre eles o falseamento dos dados e os regressos na aprendizagem dos egressos.

No início dos anos 1980, a fundação orgulhava-se dos números alcançados em 10 anos de existência. Mais de 38 milhões de alunos conveniados, mais de 14 milhões de alfabetizados, e uma redução na ordem de 25% do analfabetismo entre a população com mais de quinze anos no Brasil. Se tais números correspondessem à verdade, certamente o MOBREAL estaria muito perto de alcançar seu objetivo inicial: erradicar o analfabetismo o Brasil. Contudo, isso não aconteceu e todos os estudiosos que eram contrários à pedagogia do MOBREAL passaram a expor o seu fracasso, contribuindo de certa forma com seu desgaste e posteriormente sua extinção no ano de 1985.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

3 O MOBREAL EM NINA RODRIGUES-MA: memórias e achados.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização, ao expandir-se, no ano de 1972 alcança todos os municípios do Brasil. Fato inédito, pois nenhuma outra iniciativa voltada para a educação de jovens e adultos havia ampliado seu campo de atuação por todo o território nacional. Comparado, aos Bandeirantes que “alargaram o nosso território” (CORRÊA, 1979, p. 54), o Movimento foi visto com uma espécie de redentor das mazelas educacionais do Brasil.

Não encontramos documentos que indicassem a data exata do início das atividades do MOBREAL no município de Nina Rodrigues. Por outro lado, a partir das memórias das entrevistadas e dos resquícios documentais encontrados, conseguimos fazer o levantamento dos locais e dos professores que atuaram no Movimento em diversas localidades do município.

QUADRO Nº 1

POSTOS DO MOBREAL EM NINA RODRIGUES E PROGRAMAS VINCULADOS

	POSTO	PROGRAMA	PROFESSOR
01a	Sede do Município/ Escola Henrique de La Roque	PAF	Maria da Solidade Araújo Maria Viana de Sousa (Biluca)
01b	Sede do Município/ Grupo Escolar Henrique de La Roque	PEI	Lindalva Santos Moraes Leonice Souza (Leó)
02	Povoado Buenos Aires	PAF	Valtemília dos Santos M. Monteiro
03	Povoado Estica	PAF	Maria Portugal
04	Povoado Santa	PAF	Raimunda Marques de Sousa
05	Povoado Santa Isabel	PAF	Lídio Custódio
06	Povoado São Domingos	PAF	
07	Povoado São Josezinho	PAF	Maria Deuzuíta Ribeiro
08	Povoado Mangueira	PAF	Luci Ribeiro
09	Povoado Morros	PAF	Maria das Graças

Tabela elaborada a partir dos dados coletados nas entrevistas e documentos.

Dos postos do MOBREAL identificados, apenas um (01) ficava na sede com duas turmas, uma do PAF e outra do PEI. Os demais funcionavam na Zona Rural do município que na década de 1970 abrigava 86,3% de sua população, segundo dados do IBGE.

Das cinco (05) ex-alunas investigadas, apenas Maria de Lourdes A. S. Viana afirmou nunca ter frequentado a escola antes do MOBREAL: “Não frequentei escola nenhuma antes do MOBREAL. Minha primeira experiência foi no MOBREAL, primeira e única!”. As demais, afirmaram ter ido à escola ou ter estudado a Cartilha ABC enfrentando diversas dificuldades, vejamos a fala de algumas delas:



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Negócio de professor? De ensinar? Era só em Vargem Grande... ou aqui (em Nina Rodrigues) com a velha Nhazinha. Os pais não abriam mão dos filhos. Porque se fosse pra casa alheia, o filho ia morrer e o pai não via. Madalena lutou pra trazer a gente, mas meu pai não deixava. Nosso serviço era coco, roça e menino. Olhar menino. E nisso aí a gente foi crescendo, crescendo, crescendo e nunca se...

Uma vez um amigo botou uma escolinha, carta de ABC, aí eu ainda fui umas quatro (04) vezes, mas eu desisti. “Vou largar isso de mão”. Meu sentido só dava zoadas de menino. Larguei. A gente não tinha como estudar.

(Ex-aluna do MOBREAL/PAF Guilhermina Roque Coelho em entrevista cedida no dia 09.03.2018)

Eu ainda fui estudar em Vargem Grande uns meses, quando era criança, estudar a carta de ABC, a cartilha... mas não aprendi nada, não... eu não sei... eu era ruim demais... burra de mais.

(Ex-aluna do MOBREAL/PAF - Maria da Cunha Sousa em entrevista cedida no dia 09.03.2018).

Essa era a realidade de milhares de brasileiros. As condições para estudar eram totalmente desfavoráveis. Ora, podemos ver nessa falta de condições e oportunidades para estudar uma marca do passado colonial e escravocrata que obstaculizava o acesso à escola.

Na tentativa de fazer uma mudança nesse cenário social, o MOBREAL, através de seus documentos oficiais tinha como finalidade destinar-se principalmente a indivíduos na faixa etária dos quinze (15) aos trinta (30) anos que não tinham tido a oportunidade de frequentar a escola em tempo oportuno. Arroyo (2011), nos faz refletir sobre essa forma limitada de ver a educação de jovens e adultos apenas como uma nova oportunidade para os que não a tiveram em tempos “oportunos”. Para ele

Urge ver mais do que alunos ou ex-alunos em trajetórias escolares. Vê-los jovens-adultos em suas trajetórias humanas. Superar a dificuldade de reconhecer que, além de alunos ou jovens evadidos ou excluídos da escola, antes do que portadores de trajetórias escolares truncadas, eles e elas carregam trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação dos direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, à moradia, ao trabalho e à sobrevivência. As trajetórias escolares truncadas se tornam mais perversas porque se misturam com essas trajetórias humanas (ARROYO, 2011, p. 24).

Nesse sentido, as carências escolares dos ex-alunos do MOBREAL não podem ser vistas isoladamente, haviam outras carências que corroboravam para o processo de exclusão social, havia a falta de alimento, trabalho, moradia, saúde, assistência social. Essa forma de olhar a Educação de Jovens e Adultos perdura até os dias atuais. (ARROYO, 2011),

Diante da realidade de exclusão na qual estavam inseridas, o MOBREAL surgiu como uma grande oportunidade de estudo para muitos jovens e adultos. Pudemos notar diante dos discursos, que as alunas que frequentaram o PAF, viam essa oportunidade de forma modesta, ao passo que



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

as alunas que frequentaram o PEI ambicionavam de forma mais clara mudar de vida através da formação.

Por que você decidiu frequentar o MOBRAL? Quem o incentivou a frequentá-lo?

Foi dona Binuca, que me botou pra eu aprender pelo menos meu nome. Eu aprendi mal botar meu nome, mais nada.

(Ex-aluna do MOBRAL/PAF Maria da Cunha Sousa em entrevista cedida no dia 09.03.2018).

Frequentei porque a professora pelejou, “bora estudar”. Eu não sabia nem assinar o nome, no MOBRAL foi que eu aprendi assinar meu nome, foi só isso. Eu acho que foi até bom.

(Ex-aluna do PAF-MOBRAL Maria de Lourdes A. S. Viana, em entrevista cedida no dia 09.03.2018)

Em relação à motivação para frequentarem o MOBRAL, as alunas do PEI, evidenciaram os seguintes discursos:

[...] eu disse: “eu tou cansada de quebrar coco, eu tenho que caçar um jeito pra mim [...] Eu tava querendo era ser professora, se eu não começasse pelo MOBRAL eu nunca ia conseguir ser professora. Esse desejo me incentivou muito.

(Ex-aluna do PEI-MOBRAL, Maria da Conceição Moraes Goulart em entrevista cedida no dia 11.03.2018)

A motivação, foi a vontade de aprender e as necessidades, que obrigavam, né, para poder trabalhar... pra conseguir um trabalho bom tem que procurar estudar.

(Ex-aluna do PEI-MOBRAL Maria de Lourdes Viana em entrevista cedida no dia 11.03.2018).

As diferenças dos enunciados nos permitem compreender que as alunas que frequentaram o PAF foram convencidas por suas professoras a frequentarem o MOBRAL, não sabiam ler e escrever, essa carência se atrelava a todas as outras, desmotivando-as. Por outro lado, as alunas que frequentaram o PEI, já eram alfabetizadas. Isso possibilitou que elas tivessem perspectivas mais animadoras de mudança, o que as fez mais resistentes e perseverantes para iniciar e concluir o curso mesmo com dificuldades.

Das cinco (05) alunas investigadas, as três (03) que frequentaram o PAF destacam os motivos que as fizeram desistir de estudar no MOBRAL:

Eu comecei com a comadre Portugal, lá no Estica, passei ainda quase um ano, mas aquilo não entrava. Entrava aqui e saía bem aqui. Eu não botava meu nome direito... Eu nunca aprendi botar meu nome direito. Aí fiquei... fiquei... larguei de mão (de estudar no MOBRAL no povoado Estica). [...] Chegava da roça cansada e ir pro colégio, era dose. Aí viemos pra cá, aí começou de novo o MOBRAL, a Binuca disse, “eu vou te matricular, égua, eu sou professora tua”.

Sabe o que é uma pessoa que tem que gravar aquilo na cabeça, já tendo quatro (04), cinco (05) coisas na cabeça pra gente fazer?



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Aquilo passava rapidinho. Pois é, era desse jeito! Larguei por conta da dificuldade, eu tinha oito (08) filhos, meu marido na roça, eu no coco.

Eu ainda aguentei foi muito, eu ainda aguentei três (03) meses.

(Ex-aluna do MOBREAL Guilhermina Roque Coelho em entrevista cedida no dia 09.03.2018)

Dona Binuca foi minha professora, mas não foi um ano não, foi quase uns seis (06) meses. Me casei e me danei a ter filho, todo ano era filho, aí eu larguei de mão, não fui mais, como é que eu ia estudar se tinha que cuidar dos meus filho tudo pequeno. Não tinha como..

(Ex-aluna do MOBREAL Maria da Cunha Sousa em entrevista cedida no dia 09.03.2018).

Eu deixei de estudar pra poder cuidar dos meus filhos. Eu não gostava de deixar meus filhos 'só' em casa. Sei lá... eu até queria continuar, mas não tinha condição, aí me conformei. Parei e nunca mais estudei.

(Ex-aluna do MOBREAL Maria de Lourdes A. S. Viana, em entrevista cedida no dia 09.03.2018).

Todas as três mulheres que frequentaram o PAF alegam ter desistido de estudar no MOBREAL porque tinham que cuidar dos filhos. As outras três (02) alunas que frequentaram o PEI eram alfabetizadas e concluíram o curso (de doze meses), enfrentando dificuldades semelhantes às primeiras, filhos pequenos, trabalho na roça e/ou no coco. A esse respeito, Giovanetti (2011), nos leva à reflexão de que é justamente no interior das contradições vivenciadas pela exclusão social que jovens e adultos de camadas populares podem superar essa herança histórica que é imposta e insiste em se perpetuar, obstruindo a mudança e a construção de novas realidades e caminhos.

Notamos uma certa homogeneidade entre certos discursos, demonstrando as percepções que as alunas tiveram do MOBREAL, assim, nos permitem captar alguns sentidos que podem nos ajudar a compreender a atuação do Movimento em Nina Rodrigues. Todas as ex-alunas do MOBREAL avaliaram como positivas as aulas e a atuação de suas professoras. A esse respeito, Dona Guilhermina, salienta que “as aulas eram bacanas, [...] A gente conversava sobre várias coisas, a professora dava conselhos era só coisa boa, não era coisa má, não. A professora tinha jeito, ela sabia alguma coisa, era inteligente, tinha paciência, ajudava, pegava até na mão da gente pra escrever”.

Embora os métodos de alfabetização utilizados no MOBREAL terem recebido influência dos métodos empregados por Paulo Freire, pudemos notar, a partir das falas de nossas interlocutoras, uma distância entre as duas propostas. Enquanto as experiências de Freire eram de cunho politizador, na prática, os diálogos travados no MOBREAL se direcionavam a fatos do



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

cotidiano, eram destituídos de um caráter de formação crítico social, as palavras geradoras não eram problematizadas.

Ressaltamos a fala das ex-alunas no que diz respeito ao que era ensinado durante as aulas: “nas aulas do MOBREAL só passava pra escrever e pronto, a gente não discutia” (Maria de Lourdes A. S. Viana). “O foco era mais na alfabetização” (Maria da Conceição Moraes Goulart). “Nas aulas o foco era estudar, o foco era aprender a ler” (Maria de Lourdes Viana). Nesse contexto, podemos compreender que as aulas se baseavam na transmissão das técnicas de codificação e decodificação das palavras.

As entrevistadas ainda destacaram como positiva a atuação do MOBREAL, sendo de qualidade e que proporcionava aprendizagem aos seus alunos, como evidencia Maria da Conceição Goulart, através da seguinte citação: “O MOBREAL era um programa rico, vinham os livros, eram muito bons, tinha o livro de leitura, a gente lia e daquele texto a gente produzia outro texto, tinha o livro de exercícios, pra gente responder. O foco era mais na alfabetização.”

O MOBREAL disponibilizava materiais didáticos aos seus alunos, sendo, a nosso ver, uma inovação para a época no campo da educação de jovens e adultos. Paiva (1987), destaca, porém que apesar da diversidade regional, o material didático do MOBREAL era pensado e distribuído uniformemente em todo o país, não havendo também a preocupação, com os diferentes padrões entre as vidas rural e urbana.

Para a coordenação do MOBREAL, as propostas da fundação precisavam ser conscientizadoras, mas em moldes diferentes dos propostos pelos movimentos e Paulo Freire, que teriam “distorcido os propósitos de conscientização, levando à politização prematura e mal orientada dos alunos, colocando em risco a formação cristã e democrática do nosso povo” (PAIVA, 1987, p. 295).

Para a vida de nossas investigadas, o MOBREAL contribuiu de diversas formas, desde a oportunidade para aprender colocar o nome até como o início da escolarização. A esse respeito Dona Guilhermina Roque Coelho, enfatiza: “Estudar o MOBREAL me ajudou. Não na leitura, mas no entendimento. Porque eu não sabia nem sequer conversar com ninguém, antes eu não sabia de nada, eu fui criada no mato, no interior.” Ainda a respeito da oportunidade de ter frequentado o MOBREAL, Maria de Lourdes Viana destaca:

Estudar o MOBREAL me ajudou em muita coisa, porque me ajudou a sair do cativoiro, (do coco). Saí da vida doida e entrei numa mais mole. Aí foi indo, arrumei um serviço de merendeira, depois de professora. Estudar o MOBREAL me ajudou nesse sentido.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

(Ex-aluna do PEI-MOBRAL Maria de Lourdes Viana em entrevista cedida no dia 11.03.2018).

A afirmação de Guilhermina Roque Coelho é interessante, embora não tenha aprendido a ler e escrever, a ex-aluna do PAF considera que participar do MOBRAL lhe propiciou interagir com mais pessoas e isso lhe foi útil. Quando a perguntamos sobre qual era sentimento dela em ser aluna do MOBRAL nos respondeu:

Eu me sentia orgulhosa, porque eu nunca tinha estudado, e eu tava no MOBRAL! Eu tava dentro de um colégio! Uma sala de aula!

Eu sei que era bom de mais, ave Maria, quem estudou o MOBRAL, hoje, ele é melhor de que um que tá fazendo essa faculdade de hoje. Esses alunos de antigamente, são os alunos que estudaram pouco mas aprenderam muito, o dobro!

(Ex-aluna do MOBRAL/PAF-Guilhermina Roque Coelho em entrevista cedida no dia 09.03.2018)

Vejamos como essa afirmação é provocativa e vai de encontro a o que sugerem a maioria das produções científicas sobre História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, ela se sentia orgulhosa por estar no MOBRAL, e, embora excluída do processo de aprendizagem, destaca que o ensino no Movimento era de qualidade e podia propiciar a seus integrantes o desenvolvimento e a aquisição do conhecimento. De fato, lhe era cedida a oportunidade de aprender a ler e escrever, assim, para ela que teve que se contentar durante toda a vida com a ausência do direito básico à educação, a pequena oportunidade que lhe surgiu, se tornou significativa.

Diante das falas das professoras e alunas do MOBRAL, compreendemos que a fundação desempenhou papéis diferentes na vida de cada uma delas. Embora pareçam contraditórios os discursos revelam histórias de enfrentamento à exclusão social, um panorama das realidades e das perspectivas diante da oportunidade de estudar.

4 CONCLUSÃO

O processo de escolarização que temos em nosso país é fruto de uma concepção histórica na qual são concebidos tipos diferentes de educação. Uma educação para os ricos: intelectualizada, elitizante, integral, e uma outra educação voltada para as camadas populares: básica, elementar, doutrinadora, formadora de mão de obra. Esse fenômeno ao se estabelecer tem nos apresentado com índices de analfabetismo aparentemente inerradicáveis.

No intuito de erradicar o analfabetismo, surge o MOBRAL inserido em um contexto conturbado da história do Brasil. A fundação deixou sua marca em Nina Rodrigues-MA e entrou para o repertório popular local como sinônimo de ineficiência. Essas heranças, nos inquietaram



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

nos motivando a realizar esta pesquisa, a princípio nos fazendo pressupor que o movimento não teria cumprido sua missão na localidade.

A partir das falas das mulheres participantes desta pesquisa, pudemos chegar à conclusão de que o MOBREAL não foi o responsável pela não alfabetização de seus estudantes. Na verdade, foi um conjunto de fatores que não favoreceram parte de seus alunos aprender a ler. Todo estudante cria expectativas em relação a o que vai vivenciar na escola, como destaca a ex-aluna do PAF, Maria de Lourdes A.S. Viana: “eu tava animada, dizia: agora eu vou aprender mesmo, se de nova eu não aprendi, de velha eu ía”. Contudo, como as ex-alunas do PAF destacaram, na época, elas não tinham tempo para estudar, trabalhavam o dia todo na roça, tinham filhos pequenos. Assim, não lhes faltou vontade de estudar, faltou-lhes condições.

Arryo (2001), nos faz compreender que o conjunto das carências em alimentação, moradia, trabalho, saúde e etc. podem asseverar as carências escolares, assim, naquele contexto o MOBREAL passou a representar as carências de seus alunos.

Mesmo não alcançando seu objetivo inicial, o MOBREAL proporcionou a muitas pessoas a oportunidade que precisavam. Como discutido anteriormente, o Programa de Educação Integrada foi destinado aos alunos egressos do PAF. Apesar disso, jovens e adultos de Nina Rodrigues, provenientes de outros espaços educacionais, se valeram do Programa para concluir a primeira etapa da formação escolar. A esse respeito, Maria da Conceição Moraes Goulart nos declarou “[...] *Pra mim, MOBREAL foi uma grande ajuda, porque eu tava precisando estudar, já era casada, senhora, logo engravidei, então, estudar a noite pra mim foi muito bom*”.

Diante do exposto, podemos entender que o MOBREAL exerceu interferências na vida dos egressos, embora nem todos tenham aprendido a ler, pudemos notar que o contato com a fundação lhes possibilitou ampliar as perspectivas relacionadas à educação, como expõe Maria de Lourdes A. S. Viana, ex-aluna do MOBREAL: “*Ah, hoje eu não sei lê, mas meus netos tão tudo se formando. Isso me deixa muito feliz, eu digo: estudem!*”.

Destacamos que essa investigação logrou resultados interessantes, apesar da escassez documental, conseguimos fazer o levantamento de postos, professores e alunos ligados ao MOBREAL, sobretudo, nos possibilitou conhecer um pouco mais da história da educação do município de Nina Rodrigues, e as memórias de seus integrantes.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

ABSTRACT

This work presents a historical-social analysis of the Brazilian Movement of Literacy (MOBRAL) in the municipality of Nina Rodrigues. MOBRAL was a foundation created in the period of Brazilian history called Military Dictatorship (1964-1985). Its main purpose was to develop literacy programs for young and unschooled adults and to encourage those who already knew how to read and write, to continue their studies. As the foundation was established, reaching to all the municipalities of the country, several criticisms arose about its methods and campaigns, which contributed, afterwards, to its extinction after fifteen (15) years of existence. In this way, we have as a central objective, to investigate the memories and socio - educational impacts in the life of students who attended MOBRAL in the municipality of Nina Rodrigues - MA. This research was developed from a qualitative approach, distributed in different phases, but complementary and in constant dialogue, namely: Exploratory Phase, Data Collection Phase, Data Analysis Phase, and the Report Phase. We discuss with several authors from the readings of Haddad and Di Pierro (2000), Paiva (1987), Castro (1999), Manzke (2009) Corrêa (1979) and others. We conclude that, despite the documentary shortage in the municipality, the research presented relevant results. From the local memories, we managed to survey the number of places where MORBAL worked, the names of teachers and students linked to the institution in the municipality. We also note the contributions that the foundation's programs played in the lives of the students. Despite the shortcomings and shortcomings that the foundation presented during its work, it was evident that it provided the girls investigated with opportunities to envisage a promising future, enabling them to realize the dream of becoming teachers, of having a better quality of life. In this sense, we believe that the present research contributes to the historiography of local and regional education.

Keywords: History of youth and adult education. MOBRAL. Nina Rodrigues - MA.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. *Educação de Jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública*. pp. 19-50. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Orgs). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CASTRO, César Augusto. *Leitura de adultos com escolaridade tardia*. São Luís-MA: UFMA, 1999.

CORRÊA, Arlindo Lopes. *Educação de massa e educação comunitária*. Rio de Janeiro: MOBRAL, 1979.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. Revista Brasileira de Educação. nº 14, pp. 108-194, Maio-Ago. 2000.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

JANUZZI, Gilberta Martino. *Confronto Pedagógico Paulo Freire X Mobral*. São Paulo: Cortez, 1979.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas (SP): Ed. Unicamp, 2003.

MANZKE, José Fernando. *Propuesta curricular para la educación de jóvenes y adultos campesinos em asentamientos de la reforma agrária*. São Luís-MA: EDUFMA, 2009.

MENDONÇA, Terezinha Nádia Jaime. *Movimento Brasileiro de Alfabetização: subsídios para uma leitura crítica do discurso oficial*. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1985.

OLIVEIRA, Letícia Borges de; SOUZA, Sauloéber Tárσιο de. *A alfabetização no MOBREAL, métodos e materiais didáticos (Uberlândia-MG, 1970-1985)*. Revista Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa. volume. 7, nº 13, pp. 12-37, set/2012,.

PAIVA, Vanilda Pereira. *MOBRAL: a falácia dos números (um desacerto autoritário II)* Rio de Janeiro; Síntese, nº 23, pp. 83-114, Set-Dez, 1981.

_____. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

SANTOS, Leide Rodrigues dos. *MOBRAL: a representação ideológica do Regime Militar nas entrelinhas da alfabetização de Adultos*. In: Revista Critica Histórica, ano V, nº 10, pp. 304-317, Dez/2014.

SAVIANI, D. *O legado educacional do Regime Militar*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, pp. 291-312, set/dez. 2008

SILVA, Simone da. *PANORAMA HISTÓRICO DO MOBREAL: operacionalização no Município de Araras*. 2012, 291f. Dissertação de Mestrado - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro – SP, 2012.